

MEU GÊNERO PREDILETO

Carlos A A de Gouveia*

Há muito tempo que eu vinha pretendendo iniciar uma série de artigos como este que agora o leitor começa a ler. Não nego que a inspiração me veio do Boletim da American Orchid Society. Pensava eu: aí temos uma seção à qual todo mundo pode contribuir, se manifestar, nada mais gostoso do que falar de suas paixões, suas origens e evolução, seus afetos e rejeições. Ninguém precisa ser um “expert” para discorrer sobre seu coração.

Finalmente me resolvo e, mãos à obra, vamos cometer o artigo. Surge então o grande problema: qual é a minha espécie predileta? Falar de *L. purpurata*, *C. labiata* ou *C. intermedia* seria, além de brutal risco (os purpurateiros, labiateiros etc. me comeriam vivo), soaria falso como uma nota de sete cruzeiros. Escolher uma micro talvez atendesse à expectativa geral, mas também muito tedioso e não sei se seria capaz de tirar uma espécie do bolo. Existem tantas espécies que me tocam que tenho a sensação de que seria necessário um livro e não um artigo para esgotá-las.

Não, esta é uma tarefa inexequível. E agora? Bom só me resta apelar, se espécie não consigo, talvez um gênero seja factível.

Quem sabe *Oncidium*? Carlos Eduardo de Britto Pereira que nos perdoe, mas não. *Miltonia*, *Cymbidium*, *Odontoglossum*, *Masdevallia*, meu ambiente ao nível do mar não permite ter (que pena, penso logo). *Phalaenopsis* não gostam muito de mim. E *Brassavola*? Gosto mui-



Gongora galeata cultivo: Jardim Botânico do Rio de Janeiro

R. Agnes

to do gênero, tenho várias espécies, seria uma boa opção e seria o selecionado se eu não tropeçasse num vaso caído no meio das minhas plantas. Lá estava uma *Gongora nigrita* e, pronto, estava feita a escolha.

* Afonso Ribeiro, 112 CEP 21021 Rio — RJ

Dizem que amor sem reciprocidade não é amor, mas obsessão. Eis aí um caso de amor de mão dupla. Como nos damos bem! Mas não foi amor à primeira vista. Minha primeira *Gongora*, uma *buffonia*, eu comprei no início da febre orquidófila, quando a gente quer ter tudo sem nem saber o que está comprando. Três bulbos, apenas um com folha, sapequei a infeliz num toco de xaxim e a pus de dieta em pleno sol. A agonia foi curta. Após o assassinato, lavrei a sentença: não se pode criá-las no Rio de Janeiro. Poderia estar aí mais uma dessas injustiças, mas a sorte me sorriu uma vez mais. No meio de uma leva de plantas que encomendara a um orquidário paulista incluí uma *Gongora quinquenervis* para completar o valor mínimo de compra. Chegou uma muda com quatro bulbos, dois sem folha. Coloquei-a em um vaso e na sombra por serem os únicos locais disponíveis.

Um dia vou passando, e aquela planta que estava a meses quieta sem dar sinais de vida, lançava duas hastes. Minha surpresa foi verificar que dali, tive vinte e quatro flores graciosas e de aroma inconfundível (de cravo). Surpresa mesmo foi quando os próximos bulbos começaram a brotar — eles tinham o dobro do tamanho, quer em comprimento, quer em largura. No ano seguinte tinha eu cinco hastes, a maior delas com trinta e oito flores!

Chegou então às minhas mãos uma *Gongora buffonia* trazida de São Paulo por uma diletta amiga. A coitadinha foi vítima de um ataque de um filhote de cão que quase a destruiu. Dois anos depois, já duas hastes surgiam e tome flor. Finalmente consegui uma *Gongora nigrata* de um conhecido que desmontava seu orquidário. Ela estava em péssimas condições sanitárias, tive de trocar o substrato que já se decompunha em farelos. A planta se dividiu em dois pedaços, mais um bulbo que se desgarrou. Uma das metades ficou sem uma única folha. O bulbo solitário começou a soltar raízes e os dois pedaços vieram a florir, cada um com duas belas hastes. Como explicar tamanha prodigalidade, a não ser por uma paixão mútua?

Bem, vamos falar um pouco sobre as

plantas, afinal esta é uma revista de orquidófilos, não um folhetim. O gênero foi descrito em 1794 por Ruyz e Pavon, que dedicara seu nome a Don Antonio Cabellero y Gongora, Bispo de Cordoba na Espanha.

Guido Pabst enumera seis espécies do Brasil, *G. buffonia*, *G. quinquenervis*, *G. atropurpurea*, *G. minax*, *G. nigrata* e *G. unicolor*, mas só conheço, em cultivo, as três a que já me referi no texto. A literatura cita cerca de vinte e cinco espécies, ao todo, espalhadas do México ao Brasil.

São plantas eminentemente epífitas de bulbo ovalado e bem vincado. As folhas medem até 40cm de comprimento e têm cerca de 10cm de largura, sendo sempre bifoliadas. A inflorescência é axilar, nascendo junto à base dos bulbos.

O gênero é da aliança de *Stanhopea* e *Coryantes* o que é facilmente perceptível pelo formato das flores. Assim como elas, as *Gongoras* têm as hastes pêndulas, mas não necessitam ser cultivadas em “cachepots”, mas sim a uma certa altura para que sua haste possa crescer sem problemas.

Suas flores são todas muito parecidas, com um característico formato que lembra um pássaro voando. As flores de uma haste abrem todas ao mesmo tempo, formando belíssimo arranjo, com um aroma a que é impossível ficar indiferente.

Na natureza essas flores costumam ocorrer a médias altitudes, mas parecem preferir climas mais quentes. Elas gostam muito da umidade e arejamento, sendo recomendável luz moderada.

Seu cultivo não exige maiores cuidados, sendo apenas necessário, além dos anteriores mencionados, adubá-las bastante, principalmente durante a fase de crescimento dos bulbos. Após a maturação dos mesmos, diminua a rega e adubação, mas não as suspenda, uma vez que as flores só virão depois. Um pouco de paciência, e suas hastes surgem. Atenção, proteja-as, são frágeis e podem abortar caso esbarrem em algum obstáculo.

Uma planta com menos de quinze flores deve ser considerada medíocre, só sendo premiável uma planta com pelo menos vinte flores em uma única inflorescência.

cia. Plantas especiais só aquelas capazes de produzir um mínimo de três hastes com mais de quarenta flores em, pelo menos, uma das hastes. Caso você veja plantas apenas com os bulbos novos com folhas, pode ter certeza de problemas de cultivo, minhas *gongoras* definitivamente não são deciduas, ao contrário formam frondosas folhagens.

Quem nunca viu uma *Gongora* em flor, não sabe o que perde, espero que essas linhas resgatem e ajudem a fazer justiça a essas poucas conhecidas jóias da natureza.

Aguardo, também, que o preclaro leitor tome coragem e nos conte de suas predileções. A definição por um gênero se deveu à fraqueza do autor, creio que espécie de gênero, família ou mesmo híbrido, se você tem algum caso passional, escreva. Eu já estou pensando em contar para todos qual o meu preferido.

E, caso algum dos que me lê tenha disponível uma *Gongora atropurpurea* ou outra espécie, brasileira ou não, não se constranja em me enviar. Tenho certeza de que seremos, eu e a *Gongora*, felizes para sempre.

Seja um sócio atuante da OrquidaRio. Colabore com artigos e fotos. Consiga novos sócios, promovendo as revistas Orquidário e Pulchra.

Contate a Diretoria para sua publicidade institucional se você produz ou comercializa plantas e acessórios para orquídeas e seu cultivo.

Participe do Concurso de Fotografia. Leia as instruções na Carta Mensal de Janeiro de 1992.

Adquira da sua sociedade:

Manuais da OrquidaRio:

- I - Iniciação à Orquidofilia - Cr\$ 1.800,00
- II - Pequeno glossário de termos orquidófilos - Cr\$ 2.000,00
- A Orquídea (Algumas Noções Básicas), I e II, de Osmar Judice Cr\$ 1.000,00

Mostre o seu orgulho de pertencer à OrquidaRio exibindo no seu carro o novo adesivo da sua sociedade, que só é vendido aos sócios, por Cr\$ 1.500,00.

Escreva-nos para a Av. Pres. Vargas 583, Grupo nº 2014, Centro, Rio, RJ - CEP 20.071, Fax (021) 507-1993.